

Entrevista com Bernard Lahire

Tradução e apresentação de Norma Missae Takeuti – UFRN

Revisão de Lília Junqueira – UFPE

Na ocasião da comemoração dos 30 anos do PPGCS-UFRN, um dos eventos marcantes foi a vinda de Bernard LAHIRE, em 12/11/2009, que brindou a comunidade universitária com uma palestra intitulada *Por uma sociologia disposicionalista da ação*, a qual será objeto de publicação com a outra conferência proferida na UFPE (*O campo, o mundo e o jogo: o universo literário em questão*, 03/11/2009) e demais artigos em torno da abordagem desse autor, numa coletânea prevista para 2010, em parceria entre as Pós-Graduações de Ciências Sociais da UFRN e de Sociologia da UFPE.

Para a Revista *Cronos*, Bernard LAHIRE disponibilizou-nos imediatamente uma entrevista recentemente publicada na França no site *Nathan Université* <http://www.nathan-u.com>. A entrevista foi realizada por Philippe Wozniak e tem como tema a obra *L'Homme pluriel: Les ressorts de l'action* (Paris, Nathan, coll. "Essais & Recherches", 1998). Esta obra foi publicada no Brasil sob o título *o Homem plural: Os determinantes da ação* (Petrópolis, Editora Vozes, coll. "Ciências Sociais da Educação", 2002, 232 p.).

Nessa entrevista, Bernard LAHIRE fornece-nos esclarecimentos sobre as suas posições científicas, o seu *modus operandi* em pesquisas sociológicas, inclusive a sua postura face aos trabalhos de Pierre Bourdieu em relação aos quais adota uma atitude heterodoxa. Esclarece-nos, ainda, sobre as armadilhas contidas em certos usos das palavras "teoria" e "interdisciplinaridade". Finalmente, abre-nos a perspectiva de um trabalho na via de uma "sociologia à escala individual".

Seus trabalhos sobre o iletrismo, as práticas de leitura e de escrita nos meios populares; em que eles o conduziram para a definição do homem plural?

B. LAHIRE – Sem dúvida, a constatação de uma difícil transferenciabilidade das competências leitorais ou escriturais de um gênero de escrita a outro, de uma situação de escrita ou de leitura a outra começou a me fazer avançar para a ideia de uma pluralidade de competências ou de disposições constituídas no âmago de cada ator e que se desenvolvem ou não de acordo com o contexto de cada ação. Mas foi, sobretudo, o estudo dos universos familiares populares que me fez tomar consciência da heterogeneidade e, às

vezes mesmo, do aspecto contraditório dos princípios de socialização aos quais as crianças são submetidas no próprio seio familiar. Se acrescentarmos a isso, os princípios de socialização escolares aos quais a própria criança encontra-se muito rapidamente exposta vemo-nos numa via de reflexão sobre o ator plural, caracterizado por um patrimônio mais ou menos heterogêneo de disposições e de competências.

O que é um homem plural? Em que o homem é plural?

B. LAHIRE – Um ator plural é um ator que nem sempre viveu no interior de um só e único universo socializador, de modo que é alguém que atravessou e frequentou, mais ou menos duravelmente, espaços (matrizes) de socialização diferentes (e, às vezes, socialmente vividos como altamente contraditórios). O ator plural é, portanto, portador de disposições, de “sumários de experiências” múltiplas e nem sempre compatíveis entre elas. Não obstante, ele deve “lidar com isso”. Essa situação pode-lhe causar um grave problema quando as disposições se contradizem na ação. Ela pode também ficar despercebida ao nível do próprio ator se, como frequentemente acontece, as disposições só se ativam em contextos ou domínios de práticas limitados e separados uns dos outros. O ator plural é aquele em que o conjunto das práticas é irreduzível a “uma fórmula geradora” ou a “um princípio gerador” (expressões segundo as quais Pierre Bourdieu definia o *habitus*).

O que é “trânsfuga de classe”? Você pensa que se pode escapar totalmente de seu meio de origem, à sua classe social?

B. LAHIRE – Denomina-se, às vezes, em sociologia “trânsfuga de classe” a pessoa que nasceu num meio social e que, em sua vida adulta, vive num outro meio social. Casos mais frequentemente estudados (ou ao menos mencionados) são os de mobilidade social ascendente através da via escolar. O “trânsfuga” é um caso particular do ator plural, mas não o único modelo da pluralidade do ator. No que diz respeito à segunda interrogação, devido às razões de incorporação de experiências socializadoras familiares, pode-se dizer que jamais se escapa verdadeiramente, nem totalmente do seu meio de origem. E só “sai-se do seu meio” com a cumplicidade parcial desse “meio”.

Você compara o homem a uma “folha dobrada”: você seria determinista?

B. LAHIRE – Sou determinista tanto quanto se pode ser em ciências sociais... É claro, penso que os comportamentos, percepções e pensamentos dos seres sociais se explicam, de parte a parte, pelos elos

sociais passados e presentes que os constituíram. Mas, explico, na obra *O Homem plural*, que não se pode prever tão facilmente os comportamentos humanos tanto quanto os acontecimentos físicos ou químicos. De fato, comparo cada ser social singular a uma folha de papel dobrada ou amassada. Somos todos relativamente singulares, mesmo quando somos constituídos socialmente: se a folha de papel simboliza o mundo social, suas estruturas, seus diferentes domínios, suas instituições etc., a folha de papel amassada, ou diversas vezes dobrada, pode oferecer uma imagem interessante daquilo que representa cada caso singular.

Segundo você, o si é uma ilusão?

B. LAHIRE – O “si” coerente e único, essa identidade pessoal idêntica a ela própria, em todos os lugares e em toda circunstância, é efetivamente uma ilusão; porém, uma ilusão socialmente bem fundada, isto é, uma ilusão que encontra numerosos suportes linguísticos, simbólicos, sociais (o nome e o prenome, os diferentes códigos e registros pessoais, as diversas ocasiões verbais de reconstrução *a posteriori* da coerência de um percurso, de uma identidade, de um “caráter”...). O pesquisador em ciências sociais não pode *a priori* dar razão a essa concepção ordinária de ator, sempre idêntico a ele próprio; mesmo quando uma parte de seu trabalho consista em compreender as razões da predominância desse modelo de identidade no mundo social.

Você diz ser “mais bourdieusiano que os bourdieusianos”. Pode nos explicar sua posição?

B. LAHIRE – O que quero dizer, bem seriamente e sem alguma provocação, é que, através dos meus trabalhos, penso ser, definitivamente, bem mais fiel ao trabalho de Pierre Bourdieu do que os seus mais “fiéis” epígonos. De fato, para realizar o que Bourdieu fez no campo das ciências sociais, é preciso absolutamente evitar a relação mestre/discípulo e a repetição, sem fim, do seu “pensamento” em áreas particulares. Em revanche, seria necessário fazer o que ele próprio soube fazer quando tinha a idade dos seus mais jovens discípulos atuais: romper, em parte, com o estruturalismo (enquanto que alguns permaneciam presos nos impasses desse modelo de pensamento); zombar de certas fronteiras disciplinares; não temer em ser antiacadêmico; preservar um espírito crítico sempre em alerta e desenvolver sua imaginação sociológica; defender a autonomia científica das ciências sociais... Mas, o “acadêmico” hoje em ciências sociais (um dos seus pólos, de todo modo), é a escola bourdieusiana. É com essa tradição sociológica que aprendi a ser crítico; porém, essa tradição deve ser criticada, por sua vez, sobretudo num momento em que ela se engessa, em grande parte sob o efeito da consagração científica e social. Ser fiel

ao modo de pensamento de Pierre Bourdieu, àquilo que ele possui de mais precioso no que ele nos ensinou, é recusar a “maleta conceitual” selada que Pierre Bourdieu, o mestre, nos “vendeu”, por vezes, com a cumplicidade de determinados jovens epígonos no seu desejo de *fast success* (rápido sucesso). Digamos, eu seria algo assim como um “bourdieusiano heterodoxo” que tenta fazer a sociologia progredir *com* e *contra* Bourdieu.

Você não gosta de duas palavras: “teoria” e “interdisciplinaridade”. Por que?

B. LAHIRE – Não gosto da palavra “teoria” do modo como ela é usada na França, principalmente, para designar esses pequenos modelos um pouco misteriosos, que pretendem à universalidade de sua pertinência, e pelos quais não se chega a se apreender bem os fundamentos históricos (ou empíricos). Isso dito, a atividade teórica é evidentemente bem indispensável em ciências sociais; entretanto, gostaríamos que ela fosse mais lúcida, mais pragmática, menos nebulosa... É nesse ponto que o ensinamento filosófico de Wittgenstein me parece central para uma higiene mental (linguística e teórica) de todo o pesquisador em ciências sociais. Quanto à palavra “interdisciplinaridade”, pode parecer estranha vê-la estigmatizada por um pesquisador que, aliás, lança mão dela por uma “sociologia psicológica” e por colaborações científicas entre pesquisadores oriundos de tradições disciplinares diferentes. Porém, muito frequentemente, a palavra “interdisciplinaridade” fica remetida a colagens heteróclitas de “pontos de vista» disciplinares dos quais cada pesquisador sai intocado. Penso que é necessário saber ir em direção a outras disciplinas; do interior de sua disciplina, nela sentindo a necessidade interna, nela apreendendo a indispensabilidade do ponto de vista da lógica própria de seu trabalho científico. Se não sentirmos essa abertura para outras disciplinas como uma necessidade interna, então, nem vale a pena se esforçar em direção às ditas “colaborações interdisciplinares”.

Qual é o seu projeto para a sociologia? O que é sociologia psicológica?

B. LAHIRE – Inicialmente, uma importante precisão a ser feita: não vejo em minha démarche, que desemboca naquilo que chamo de uma “sociologia psicológica” (ou uma “sociologia à escala individual”), o grande projeto para o qual toda a sociologia deva tender... Penso que é uma via (tomada, geralmente, não conscientemente pelos pesquisadores) possível de desenvolvimento de pesquisas em ciências sociais. Tal sociologia tenta apreender o social (os múltiplos aspectos e dimensões do social) sob a sua forma singularizada, individualizada. Ela é uma maneira de ir ao encaço do social nas suas pregas mais

singulares. Isso supõe, principalmente, acompanhar os mesmos atores em cenas diferentes, em contextos ou microcontextos diferentes; mais do que deduzir prematuramente uma “visão de mundo” ou um “habitus” de comportamentos observados numa cena singular.